



Apresentação

Organizadores:

Doutor Carlos Alberto Ivanir dos Santos¹
PPGHC-UFRJ

Doutoranda Mariana Gino²
PPGHC-UFRJ

A instauração dos domínios coloniais europeus em África não compreendeu apenas à imposição forçada do poder político, econômico e social. Ela foi, também, uma das maiores imposições culturais religiosas, valendo-se das mesmas para dar apoio às superestruturas políticas, econômicas e sociais representadas pelo colonialismo nas culturas às quais se introjetava (OPOKU, 2010). Destarte, antes do contato colonial a religião tradicional em África estava (e ainda está) inseparavelmente ligada às culturas africanas.

A forte onipresença no modo de viver e agir dos povos africanos dava às religiões tradicionais um caráter global, dentro do contexto cultural de onde se tinha nascido baseada em uma visão muito particular de ver e compreender o

¹ Pós-Doutorando em História Comparada (UFRJ), membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER-UFRJ) e Laboratório de Estudos de História Atlântica das sociedades coloniais pós-coloniais (LEHA-UFRJ). Coordenador da Coordenadoria de Religiões tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR/LHER). Conselheiro estratégico do Centro de Articulações de Populações Marginalizadas (CEAP), Interlocutor da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR), Conselheiro Consultivo do Cais do Valongo. Tem experiência nas seguintes áreas; Educação, Direitos Humanos e Cidadania; Relações Internacionais; Étnicos Raciais e Questões Africanas (religiões e experiências religiosas de matrizes africanas no Brasil).

² Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Teologia pelo (ITASA-CES/JF/PUC-MINAS) e em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, licenciada em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro dos grupos de pesquisa Religião e Modernidade (PUC-MINAS) e grupo de estudo Áfricas (UFJF). Coordenador da Coordenadoria de Religiões tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR/LHER).

mundo, e que não incluía apenas a percepção do divino, mas também a compreensão da natureza do universo, de todos os seres humanos e do seu lugar no mundo. O início do processo colonial em África foi o marco dos desafios da sobrevivência e da necessidade de se fortalecer das religiões tradicionais.

Autores e autoras presentes nessa edição da Revista Jesus Histórico contribuem significativamente para entrarmos em contato com partes das reflexões sobre religiões, religiosidades e espiritualidades Africanas, cuja rica totalidade exigiria quantidade inimaginável de páginas. Tais artigos contribuem justamente para a desfolclorizam dessas tradições e experiências religiosas e corroboram para o fortalecimento das lutas em prol da tolerância, do respeito, da equidade, diversidade e liberdades.

Abrimos o nosso Dossiê com o artigo *Que tijolo deve ser utilizado na parede: sobre o currículo escolar e a demonologia como elemento constituidor de um traço cultural religioso no Brasil*, escrito Lucimar Felisberto dos Santos. Em suma, a autora buscou analisar a necessidade de uma reestruturação curricular ante um racismo religioso que no Brasil foi legado de uma relação continuada com o contexto histórico de colonização europeia. Para tal, Lucimar Destaca a importância das leis 10639/03 e 11645/08, no contexto das disputas no campo das políticas públicas escolares afim de se pensar e projetar uma pedagogia decolonial como possibilidade de superação de padrões epistemológicos hegemônicos.

Ainda no campo da educação Lavini Beatriz Vieira de Castro nos traz o artigo *Discurso Neopentecostal e o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira*, cujo objetivo central é demonstrar os aspectos metodológicos e as análises do trabalho empírico para verificar a hipótese que direciona o nosso trabalho, a respeito dos entraves que a postura das igrejas neopentecostais pode gerar para implementação de um ensino da história e cultura africana e dos afro-brasileiros nas escolas. Assim, a autora busca contribuir para a construção de conhecimento a respeito da dificuldade que ainda encontramos ao se trabalhar com temas históricos e culturais do universo africano e afro-brasileiro.

No artigo Surgimento do movimento *Tocoismo: Simão Toco- Igreja do nosso senhor Jesus Cristo no Mundo* Euclides Victorino Silva Afonso e Alexandre António Timbane busca apresentar uma breve história do surgimento da igreja, "Os tocoistas", a sua origem e ter em vista o período colonial que se vivia na época que criava o impedimento da igreja a ser afirmada. Os autores ressaltam que a igreja espiritualista, além de estar muito ligado às questões culturais do povo Bantu e a cultura dos bakongo, a igreja centra-se muito nas questões culturais, isto é, as

tradições, os rituais da cultura da parte norte de Angola, preservando sempre a identidade do povo.

Thamires Guimarães, em seu artigo *A Cidade do Feitiço Belle Époque e a "Marca da Degeneração": Candomblé e o Islamismo Malê*, buscou analisar o conjunto de crônicas de João do Rio, "As Religiões no Rio", de 1904, a fim de nos levar a entender a visão que se tinha das religiosidades negras em face ao ideal civilizatório europeu, o qual excluía qualquer manifestação da cultura negra dos planos da Primeira República em modernizar a então capital do país, Rio de Janeiro.

Marco Aurélio da Conceição Correa, em seu artigo *Òké Aro! Estéticas, epistemologias e culturas de Oxóssi* - o caso dos cinemas negros na luta antirracista discorre sobre o Orixá Oxóssi, como um princípio cultural, filosófico e epistemológico como forma de fundamentar uma crítica à epistemologia ocidental, os aprisionamentos conceituais coloniais e o racismo estrutural e cotidiano da contemporaneidade.

José Roberto Lima Santos, em seu artigo *Indumentárias de Orixás: Arte, Mito, Moda e Rito Afro-Brasileiro*, a analisa as indumentárias dos orixás, que se refere à tradição Ketu dos nagôs-iorubás, povos da atual Nigéria, trazidos para o Brasil no período colonial. Partido da hipótese de que a indumentária, como prolongamento da cultura, corporeidade e expressão da religiosidade negra e afro-brasileira, é constitutiva da experiência social e vivência religiosa desenvolvidas pelos adeptos do candomblé Ketu no espaço urbano, Santos busca também analisar a relação entre corpo e o sagrado, relacionando africanidades, estéticas negras e afro-brasileiras na diáspora.

Philippe Moreira, em seu artigo, *Sobre a economia nagô: uma alternativa econômica contra a intolerância religiosa* analisa um movimento nos candomblés, que desde meados dos anos 2000, indica uma cultura de consumo voltada para as próprias práticas religiosas. Tal interferência, segundo o autor, causou mudanças e adequações dos integrantes dessa religião a uma economia mista que mesmo submetendo algumas práticas a essa transformação, tenta equilíbrio através da tradição.

Acreditamos que ao evidenciar trabalhos e pesquisas que corroboram para a desmistificação sobre as culturas, espiritualidades e religiosidades africanas fazer valer os anseios propostos através da promulgação da Lei 10.639, que prevê o ensino da História e Cultura das Africanas e Afro-brasileiras em todas as fases do ensino no estado brasileiro.

Boa Leitura!